

O FENÔMENO DA TRANSUMÂNCIA NA AMAZÔNIA: O MODO DE VIDA RIBEIRINHA E OS DILEMAS SOCIOAMBIENTAIS NO MUNICÍPIO DE MARABÁ

THE PHENOMENON OF TRANSUMANCE IN THE AMAZON: THE RIVERSIDE LIFESTYLE AND SOCIO-ENVIRONMENTAL DILEMMAS IN THE MUNICIPALITY OF MARABÁ

Resumo

A transumância se configura como saberes e práticas criativas e criadoras de uma identidade cultural local dos ribeirinhos na busca de se apropriarem de outra parte do território que não foi afetado pelas cheias. Nesse sentido, o ribeirinho da cidade fica sem muita opção de escolha em relação à sua mobilidade e ao uso adequado do território das águas. Portanto, torna-se importante compreender as dimensões sociais e ambientais de ribeirinhos que se “retroalimentam” das cheias e vazantes, mesmo em condições adversas. A pesquisa foi realizada no período das cheias, entre os meses de fevereiro a abril de 2014, quando foram aplicadas 21 entrevistas, nos abrigos temporários, distribuídos entre os localizados na folha 33 e o da feirinha.

Palavras-Chave: Transumância, Deslocamento Sazonais, Modo de Vidas, Ribeirinhos.

Abstract

Transhumance is configured as knowledge and creative practices that create a local cultural identity of the riverside people in an attempt to appropriate another part of the territory that was not affected by the floods. In this sense, the riverside of the city ends up having no choice in relation to its mobility and the appropriate use of the territory of the waters. Therefore, it is important to understand the social and environmental dimensions of social groups that feed on floods and ebbs even in adverse conditions. The survey was carried out in the period of floods, between the months of February to April 2012, when 10 interviews were applied in temporary shelters distributed between those located on page 33 and the fair.

Keywords: Transhumance, Seasonal Displacement, Way of Life, Riverside.

1. INTRODUÇÃO

Na Amazônia paraense, ainda que sejam consideradas as grandes mudanças no seu território, o debate nas últimas décadas se concentrou no processo de ocupação, nos conflitos em terras indígenas, no avanço da fronteira, na ecologia, no desenvolvimento sustentável, no desmatamento etc. Muito pouco é dedicado ao comportamento sociocultural dos ribeirinhos, suas formas de vida, práticas sociais e meios de subsistência.

As condições de vida na periferia das grandes cidades desafiam todos que tentam sobreviver no dia a dia. A falta de oportunidades dos personagens da Amazônia, que se deslocam para outras áreas na busca de uma vida melhor, principalmente de imigrantes nordestinos, sempre esteve presente em boa parte das crônicas do escritor Dalcídio Jurandir. A obra *Passagem dos Inocentes* (1963), por exemplo, narra a estória de um jovem, que migrou do interior do Estado para a grande cidade em busca de oportunidades, e de uma dona de casa, que se hospeda em um barraco e passa a experimentar os problemas sociais e ambientais crônicos dos bairros pobres. Desta forma, retrata-se como é viver a pobreza na exclusão da cidade. Entre outras obras principais do escritor, que abordam os problemas da pobreza nas cidades da Amazônia paraense, estão: *Primeira Manhã* (1967), *Ponte do Galo* (1971), *Os Habitantes* (1976) e *Chão dos Lobos* (1976) (Bolle, 2012).

Com o crescimento da cidade e o avanço do capital, o ribeirinho de Marabá foi obrigado a criar estratégias de permanências no espaço modificado para que, dessa forma, pudesse conviver com um cenário onde as edificações urbanas – lojas comerciais, escolas, hospitais, entre outras – se fazem presentes.

Segundo Castro (2009), se construiu, na Amazônia, uma rede urbana complexa e especificidades de um cenário marcados por uma diversidade de territórios urbanos. A obra *Cidades na Floresta* apresenta a dinâmica territorial que cria novas estruturas urbanas resultantes do confronto entre diversos modelos de apropriação do território, do uso do solo e da acumulação de capital na Amazônia. A “eficiente” urbanização na Amazônia se utilizou do discurso da cooperação e integração do espaço para legitimar a transformação da região a partir de exportação de produtos agrícolas, florestais, minerais, de recursos hídricos e de energia etc.

Alguns desses insumos comerciais de exportação são commodities¹ de estratégias econômicas eficientes, mas que pouco trouxe desenvolvimento para a região. E que ainda tem experimentado, em muitas regiões, a extrema pobreza e a exclusão social de diversos segmentos sociais que ali vivem.

Desde o início, Marabá era um espaço impróprio para a formação de um núcleo de cidade. Entretanto, a região era passagem obrigatória das embarcações que adentravam pelos rios e igarapés, o que acabou facilitando os aglomerados de pessoas. Um dos fatores das aglomerações se deu em virtude das atividades econômicas com a exploração dos castanhais, que acabaram reconduzindo os agrupamentos humanos ao mesmo local, mesmo sendo locais considerados desfavoráveis e inseguros.

Pereira (2006) procura demonstrar que há uma invisibilidade da pobreza em Marabá, proliferada pelos vários bairros urbanos sem água encanada e sistema de esgoto, cujos moradores são, em boa parte, imigrantes, trabalhadores itinerantes, de vida marcada pela provisoriedade e mobilidade, polivalentes em termos ocupacionais e que lutam cotidianamente pela sobrevivência. Devido esta complexidade, para Conceição (2001), continua sendo um desafio conhecer as sociedades Amazônicas, principalmente pelo rearranjo adaptativo dos grupos que ali interagem.

A discussão sobre os acontecimentos e os problemas ambientais não se concentra na temática dos desastres naturais, isto porque diferentes grupos sociais presentes neste território têm convivido com as cheias e as vazantes durante séculos, a exemplo dos índios, dos ribeirinhos das várzeas, dos ribeirinhos da cidade, dos destribalizados, dos caboclos, dos quilombolas etc.

Na Amazônia, as águas sobem e avançam para os centros das cidades lentamente, dando aos ribeirinhos a oportunidade de se deslocarem do espaço afetado ou de permanecerem no local, recorrendo às marombas² ou a casas flutuantes. Esses deslocamentos acontecem de forma ordenada, no período das cheias, sempre nos mesmos meses do ano, e podem ser chamados de

¹ As principais commodities brasileiras, em ordem crescente de investimentos, são: a soja, o minério de ferro, o petróleo bruto, o açúcar e o melaço, a carne bovina.

² Dentre essas estratégias de vida dos ribeirinhos, estão as marombas, que são edificações temporárias de tábuas que servem para elevar os assoalhos das residências nos períodos das cheias. Essas edificações datam de épocas remotas e sempre foram utilizadas por caboclo, ribeirinhos, coletores e agricultores que vivem na Amazônia. A maromba é um jirau alto, feito de tábuas ou troncos, muito utilizado para a suspensão do gado durante as grandes enchentes na região amazônica. Trata-se de uma estratégia utilizada por ribeirinhos para suspender as pequenas plantações, servindo ainda de abrigos para animais domésticos, como galinhas, porcos, patos etc.

deslocamentos pendulares, sazonais, cíclicos, horizontais e fronteiriços entre as margens dos rios e os bairros da cidade. Por isso, consideramos que seja um evento de transumância e não de desastre natural.

2. OBJETO E METODOLOGIA DE ANÁLISE

O objeto central do artigo é a interpretação sociológica do processo de transumância dos ribeirinhos que reproduzem formas de vida tradicionais na Amazônia paraense. Referimo-nos, especificamente, aos ribeirinhos que moram nos bairros Cabelo Seco e Santa Rosa, localizados na parte baixa do município de Marabá, onde ocorrem alagamentos sazonais. A transumância, neste caso, diz respeito ao deslocamento dessa população em caráter temporário em consequência das cheias que ocorrem nessa região.

O objetivo geral deste artigo é explicar o comportamento do ribeirinho residente na área urbana de Marabá diante do processo de transumância, bem como o seu comportamento social através dos seus saberes diante das mudanças dos ciclos das águas na região, tendo como objetivos específicos a análise de todo o processo de transumância que se configura como saberes e práticas de uma identidade cultural local dos ribeirinhos na busca de se apropriarem de outra parte do território que não foi afetado pelas cheias. Entender esses deslocamentos sazonais dos ribeirinhos é entender a dinâmica de uma cultura permeada de estratégias de sobrevivências e experiências no uso do território ocupado.

O ribeirinho da cidade, que mora em Marabá, vive várias experiências no seu cotidiano. Neste sentido, esta pesquisa identifica que o ribeirinho da cidade tem comportamento e estratégias de sobrevivências semelhantes aos ribeirinhos das várzeas, pois experimenta constrangimentos ambientais em período de cheias semelhantes, mas com estratégias de sobrevivências diferentes.

É fundamental compreender como os ribeirinhos constroem suas vidas, suas memórias, suas experiências, seus hábitos e suas vivências de uma vida híbrida, ora de um pescador ora de um cidadão. São aspectos culturais que transversalizam as cidades modernas, subjugadas a uma heterogeneidade de ações e atividades ao mesmo tempo circunscritas a um território em constante mudança.

O ribeirinho da cidade de Marabá é um importante ator social na Amazônia, pois desenvolveu estratégias de sobrevivência e práticas de um investigador hidrológico através das cheias e vazantes.

A transumância é um elemento conceitual importante para se analisar o comportamento social e cultural dos ribeirinhos, suas estratégias de sobrevivências ao se deslocarem e a utilização dos rios como meio de vida. Há uma imbricação, neste estudo, que ocorre entre o objeto da pesquisa – a transumância dos ribeirinhos – e os problemas socioambientais, com o objetivo de levantar as crises e os conflitos gerados pelos deslocamentos e a formação da população alvo, a fim de entender como se constitui a identidade do ribeirinho no município de Marabá.

O principal fator da ocorrência da transumância é o constrangimento ambiental sofrido pelos ribeirinhos, que necessitam se deslocar com o objetivo de escapar das cheias. Trata-se, portanto, de um fator sazonal, temporário, que acontece à subida e descida das águas dos rios que cortam o município de Marabá. Esse fenômeno, apesar de todo o processo de convivência dos moradores com os rios, tem provocado consequências no modo de vida desses ribeirinhos que vivem na cidade, isto porque a cidade, enquanto espaço de disputas, está em constantes transformações, o que acaba provocando uma maior vulnerabilidade social dos grupos mais expostos.

Quando chegam as cheias, os ribeirinhos da cidade se deslocam para as áreas mais altas da cidade ou vão para os abrigos temporários construídos pela prefeitura local, onde fixarão residência por pelo menos quatro meses. No período da vazante, eles retornam para suas casas, aguardando um novo ciclo das águas dos rios Itacaiúnas e Tocantins.

Um dos objetivos deste artigo é explicar melhor o comportamento desse ribeirinho diante do processo de transumância, bem como o seu comportamento social através dos seus saberes diante das mudanças dos ciclos das águas na região.

Os ribeirinhos da cidade estabelecem uma relação cultural com os rios da região tanto quanto os ribeirinhos das várzeas. Ressaltamos que, durante muito tempo, a literatura científica deu pouca notoriedade aos ribeirinhos da cidade, talvez porque quisesse considerar que o espaço da cidade fosse o espaço da disputa de diversos segmentos ligados apenas ao interesse do grande capital, sem que houvesse espaço para se compreender a necessidade daqueles que vivem na

cidade a partir de modos de vida tradicionais e com bases culturais já estabelecidas há milhões de anos pelos povos amazônicos de diferentes etnias que por lá já estavam.

Os deslocamentos sazonais de idas e vindas acontecem por necessidade de estratégias de sobrevivência. Entretanto, supõe-se que os ribeirinhos preferem permanecer junto à natureza e próximos dos rios de onde tiram parte do seu sustento. Diferentes grupos sociais estão dispersos no sudeste paraense, nesta parte oriental da Amazônia, onde está localizado o município de Marabá, circundado por aproximadamente dez rios, sendo o Itacaiúnas e o Tocantins os mais importantes.

Os problemas levantados dizem respeito às constantes cheias que ocorrem na parte baixa do município de Marabá, mediante a condição de vida dos ribeirinhos da cidade, que moram nesta parte da Amazônia e que têm sofrido com o problema das cheias. Sobre esse aspecto, ressalta-se que a problemática das cheias não se dá pelo simples fato de residirem às margens ou próximos dos rios da região – ressaltando que os rios fazem parte de um cenário natural na vida do ribeirinho da Amazônia –, mas pela ausência de uma estrutura e um apoio social que seja capaz de lhes garantir uma qualidade de vida satisfatória, preservando a sua cultura e o seu modo de viver.

Nesse sentido, a hipótese norteadora desse artigo está no fato de a dinâmica social dos ribeirinhos de Marabá estar vinculada em um contexto culturalmente estabelecido com os rios da região. Assim, a transumância, ou seja, quando os ribeirinhos se deslocam para outras áreas em épocas de cheias na busca de abrigo, tem uma dimensão cultural, característica do modo de vida ribeirinha, considerando que eles retornam para o mesmo local, às margens dos rios, quando acontece a vazante, no período da pesca. Isto porque é dos rios que retiram parte do seu sustento para a sobrevivência.

A escolha dos bairros Cabelo Seco e Santa Rosa, situados no município de Marabá, para a realização da pesquisa – e que teve, como resultado, este artigo –, deu-se devido a localização desses bairros nas proximidades das margens dos rios, em uma região ribeirinha que compartilham tradições, hábitos e comportamentos culturais ecléticos, entre a vida na cidade e a vida nos rios.

Utilizamos a observação sistemática³ para analisar o modo de vida dos ribeirinhos moradores dos bairros Cabelo Seco e Santa Rosa, visando compreender melhor as manifestações culturais realizadas nas margens dos rios. Neste sentido, a entrevista foi um dos instrumentos de coletas de dados utilizado para compreender as estratégias de vida e o processo de transumância dos ribeirinhos em período de cheias e vazante dos rios Itacaiúnas e Tocantins.

Os abrigos temporários, organizados pela Prefeitura de Marabá, a exemplo da folha 33 e o da Feirinha, estão situados na parte mais alta da cidade e fizeram parte desse estudo. A escolha das famílias entrevistadas foi seletiva, considerando que, ao aceitarem a nova moradia temporária, em certas ocasiões, eram assistidos por profissionais de saúde, assistentes sociais etc. Por outro lado, para a nossa análise como observadores, ficaram explícitas as contradições em abrigos sem infraestrutura adequada.

Em um segundo momento, a outra parte das 21 entrevistas nos foi concedida após o período das cheias, nos bairros Cabelo Seco e Santa Rosa. Essas entrevistas foram distribuídas da seguinte maneira: 9 no Cabelo Seco e 12 no Santa Rosa, quando os ribeirinhos já haviam retornados dos abrigos temporários ou das casas de familiares.

A época da cheia no município de Marabá ocorre, principalmente, entre dezembro e março, e tem no mês de abril o seu ápice. Portanto, o período das chuvas começa, aproximadamente, em dezembro, chegando até abril. A seca acontece dois meses logo depois do ponto culminante da cheia, que é em abril, ou seja, no mês de julho, tendo seu apogeu no mês de novembro, dando início a um novo ciclo a partir de dezembro.

Reportarmo-nos ao fenômeno das cheias no decorrer deste estudo para melhor explicar a sazonalidade das chuvas na região, algo que tem causado mais prejuízos materiais à população ribeirinha do que a vitimização de vidas. Portanto, trata-se de um ciclo natural e cultural na vida de quem mora na Amazônia.

Neste artigo, analisa-se, ainda, todo o processo da transumância, que estabelece saberes e práticas para a formação de uma identidade cultural local dos ribeirinhos na busca de se apropriarem de outra parte do território que não é afetado pelas cheias. É feita também uma discussão sobre a percepção dos ribeirinhos

³ Foram realizadas visitas sistematicamente nos bairros Cabelo Seco e Santa Rosa, em período de cheias, com a finalidade de observar a dinâmica local, os processos adaptativos, as transferências aos abrigos temporários da prefeitura ou permanência no local etc.

diante da necessidade de se deslocarem para os abrigos temporários, explicando sociologicamente o termo transumante. E ainda é demonstrado, através de figuras, como acontece o processo da transumância nos bairros Cabelo Seco e Santa Rosa para os abrigos, localizados no município de Marabá, no Pará. Para, por fim, explicar o sentido dos deslocamentos a partir do conceito de *habitus* do Bourdieu (2009).

3. O PROCESSO DE TRANSUMÂNCIA EM MARABÁ (PA)

A palavra transumância implica o deslocamento de grupos de pessoas em busca de novas terras, sendo oriunda do latim: *trans* (além de) e *humus* (a terra, a região). Neste trabalho, refere-se ao deslocamento social de ribeirinhos em busca de novas oportunidades de vida e trabalho, com o objetivo principal de fugir das cheias anuais dos rios na Amazônia.

Na figura abaixo, demonstramos como os ribeirinhos se deslocam à procura de novos espaços como estratégias de sobrevivência de uma vida dinâmica, que depende das cheias e das vazantes dos rios da região.

FIGURA 1: O FENÔMENO DA TRANSUMÂNCIA EM MARABÁ-PA

(ANEXO 1)

Na obra de Furtado (2005), a palavra “transumância” é utilizada para descrever o movimento dos nordestinos em direção à Amazônia em busca de oportunidades no ciclo de extração da borracha no final do século XIX e início do século XX. Transumância também pode ser entendida como movimento dos povos da Europa central para o Brasil, no período do ciclo do café, no século XIX; ou, ainda, como o movimento dos povos africanos para o Brasil, trazidos pela escravidão, ocorrida entre os séculos XVI e XIX etc.

Para Furtado (2005), tratava-se de acontecimentos econômicos ocorridos em grandes espaços e períodos de tempo, de forma duradoura. Entretanto, não teríamos como mensurar o número de nordestinos que ficaram e que retornaram após o término de cada ciclo econômico. Além de que não se tratava de deslocamentos internos, sazonais, daí porque não acharmos aplicável a definição de transumância utilizada pelo autor.

A migração dos nordestinos à Amazônia acontecia quando as pessoas se deslocavam, mas não retornavam à mesma área de origem. Diferentemente, o ato de se deslocar de um espaço a outro e de retornar ao mesmo lugar, em um espaço de tempo vinculado ao período das cheias e vazantes, por exemplo, tem um caráter muito específico, e por isso pode ser entendido como transumante.

A transumância também pode ser como uma fase de nomadismo, caracterizada por deslocamentos de famílias inteiras, animais e até de toda uma comunidade (Sousa, 2005), ou de remanescentes de civilizações antigas, de até 200.000 a.C.: “A transumância, ligada de certo modo ao nomadismo dos povos pastores norte-africanos e adaptada à realidade peninsular” (Araújo *In*: Shultz, 1963:232).

Analisando essas questões, Evans-Pritchard (2008), ao pesquisar a vida dos Nuer – um povo que vive no Sudão Meridional e que habita uma região pantanosa entre dois rios que desembocam no Nilo –, constatou que esse povo vive predominantemente de práticas pastoris, mas se dedica também à pesca e à agricultura. As relações sociais dos Nuer são influenciadas por limitações ecológicas. O sentido de tempo e espaço é determinado por motivos quase sempre ecológicos. Segundo Evans-Pritchard (2008), a ideia de tempo e espaço é dividido em dois momentos: os influenciados pelo meio ambiente, relacionados ao tempo ecológico, e os que são reflexos das relações sociais, inseridos na estrutura social relacionado ao tempo estrutural.

Pode-se afirmar, assim, que os Nuer do Sudão praticam a transumância, muito semelhante ao processo de transumância dos ribeirinhos que vivem em Marabá, que, com a chegada das cheias, começam a se mudar para os acampamentos, ou seja, para as áreas mais altas, fugindo das cheias. Outras famílias preferem permanecer nas suas casas, mesmo alagadas. Neste período, a pesca passa a ser mais escassa e, por uma questão de sobrevivência, os ribeirinhos de Marabá buscam atividades sazonais de trabalho no centro comercial da cidade.

Já os Nuer vivem o ciclo ecológico dividido em quatro estações, demarcadas por aspectos que influem nas necessidades do gado e no suprimento de alimentos. Com a chegada das secas, os Nuer deixam as aldeias e se mudam para acampamentos e se concentram nas atividades de gado e na pesca. As noções de tempo mudam durante o ano para os Nuer, pois depende das condições climáticas, das cheias e das vazantes.

Portanto, tanto os ribeirinhos de Marabá quanto os Nuers que vivem no Sudão vivem semelhante a prática da transumância ao se deslocarem para abrigos temporários, fugindo de algum tipo de constrangimento ambiental, seja em consequência das cheias ou de período de secas.

Os Nuer não podem, exceto alguns pontos mais favorecidos, viver num só lugar durante todo o ano. As inundações levam-nos, e a seus rebanhos, a procurar a proteção de terras mais altas. A falta de água e de pastos nesse solo mais elevado força-os a mudar durante a seca. Daí sua vida ser migratória por necessidade, ou mais estritamente, transumante. (EVANS-PRITCHARD, 2008: 67-68)

A transumância não desapareceu, ao contrário, os deslocamentos sazonais na Amazônia, por exemplo, cresceram significativamente nas últimas décadas. Assim, tem-se que diferentes grupos sociais dispersos pela extensa Amazônia ainda se organizam de forma tradicional, estando estrategicamente dispostos a viver conforme a subida e a descida dos rios da região. Neste sentido, a transumância ganha novas formas de entendimento sociológico sobre o uso do espaço ao longo dos tempos.

O processo de transumância praticada nos bairros Cabelo Seco e Santa Rosa, entre as idas e vindas dos abrigos, tem o sentido heterogêneo, híbrido, do lá e cá. A transumância nada mais é do que o velho. Trata-se de uma prática arcaica carregada de sentidos, de vidas, de nuances. A cultura é o equilíbrio entre o que tem de bom em viver tradicionalmente e as incertezas do futuro da vida na cidade.

Para o ribeirinho da cidade, há muita coisa em jogo nesta transumância: a possibilidade de manter a tradição de estar perto dos rios contemplando a natureza, mantendo a prática da pesca, de resistir e preservar a sua cultura e a natureza, além do singelo propósito de preservar o sentido de ser um ribeirinho da Amazônia.

Portanto, a transumância passa a ser comprovada como um elemento da cultura dos ribeirinhos da cidade que vivem nesta parte da Amazônia, por necessitarem reproduzir suas formas de vida nas margens dos rios. Para os moradores dos bairros Cabelo Seco e Santa Rosa, a transumância só se efetiva quando retornam ao local de onde saíram. Os abrigos são temporários e circunstanciados pela ocorrência das cheias. Nos abrigos, não há reprodução da vida ribeirinha. Trata-se do “não lugar”. O ciclo das águas, a subida dos rios, as idas e vindas são expressões de grupos sociais determinados a viver onde as águas

permanecem. Neste sentido, esses grupos identificados são a expressão da cultura da terra e da cultura das águas de quem vive nesta parte da Amazônia.

Isto posto, vê-se que termo transumante não mudou de sentido, apenas criou novas estratégias para permanecer inserido no contexto de modos de vidas diferentes.

Na Europa, a transumância surgida do movimento sazonal do gado resultava em uma utilização racional, em termos ambientais, de dois ecossistemas separados no mesmo espaço, permitindo uma regeneração desses ecossistemas e a fertilização dos campos de cultivo através do estrume deixados pelo gado. Existia, ainda, a presença de aves necrófagas e de mamíferos carnívoros selvagens, que atuavam como verdadeiros “sanitaristas do ambiente”, aproveitando-se dos cadáveres dos animais que morriam ao longo dos percursos (Morais, 1998).

No caso do município de Marabá, os abrigos temporários são resultados do processo da transumância, sendo o destino de boa parte dos ribeirinhos que não possuem condições para se manterem em uma área segura até a vazante, pois necessitariam dispor de recursos financeiros a cada cheia para alugarem outra residência na parte alta da cidade. A transumância é realizada em pequenas embarcações, a exemplo da figura abaixo, onde são transportados os objetos, os documentos, os animais de estimação dos ribeirinhos, além da esperança de uma vida melhor.

FIGURA 2: A TRANSUMÂNCIA DE MORADORES DA VELHA MARABÁ EM PEQUENAS EMBARCAÇÕES

(ANEXO 2)

Portanto, a transumância carrega consigo mais aspectos de tradição do que da modernidade. Mas como é de praxe, a modernidade acaba abandonando formas particulares da tradição, fazendo com que muitos aspectos da cultura tradicional desapareçam.

**FIGURA 3: O CICLO DA TRANSUMÂNCIA PELA CHEIA DOS RIOS TOCANTINS
E ITACAIÚNAS - MARABÁ-PA
(ANEXO 3)**

**FIGURA 4: O CICLO DA TRANSUMÂNCIA PELA VAZANTE DOS RIOS
TOCANTINS E ITACAIÚNAS - MARABÁ-PA
(ANEXO 4)**

Podemos também dizer que os deslocamentos do ribeirinho são migrações pendulares. A necessidade de se deslocar é estratégia permanente de sobrevivência, criada em consequência da falta de estrutura da cidade, em virtude do desordenamento urbano, pela carência de planejamentos públicos na época das chuvas, pelas condições econômicas adversas etc.

Diversos estudos chamam atenção para o comportamento cultural do ribeirinho da Amazônia, mesmo que não seja assim nomeado. É identificado como prática cultural quando abordam a vida do ribeirinho através da relação mitológica, da contemplação com os rios, da sazonalidade como sobrevivência e das estratégias de vida, a exemplo de Diegues (2002; 2009), Witkoski (2010), Fraxe (2007), Neves, (2006), Vidal (2008), Furtado (2005), Sousa (2005), entre outros.

4. OS CONSTRAGIMENTOS SOCIOAMBIENTAIS EM MARABÁ (PA): A VIDA NOS ABRIGOS

Constata-se que a condição precária nos abrigos faz parte do cenário e de um espaço de convivência de pessoas que necessitam restabelecer uma nova vida a cada cheia dos rios, mas que encontram dificuldades no momento em que mais necessitam de ajuda. Os diversos depoimentos sobre o que a COMDEC-MARABÁ tem oferecido em termos de abrigos ainda são insuficientes frente às demandas dos ribeirinhos que continuam em situação de risco social.

Constantemente, os atingidos pelas cheias organizam protestos de ruas, reivindicando melhorias nas condições de funcionamento dos abrigos construídos

pela Defesa Civil, melhoria na infraestrutura e no atendimento médico, já que as crianças desabrigadas acabam adoecendo mais facilmente em consequência da alta temperatura nos abrigos, os quais são geralmente cobertos por lonas ou telhas de amianto.

Em todas as entrevistas, sem exceção, as famílias dos ribeirinhos reclamam do atendimento por parte da Defesa Civil local, tanto em relação à infraestrutura, a exemplo das falas do Sr. Rosimar e das Sr.^{as} Ana Cássia e Valquiline, como em relação à segurança e aos problemas de saúde, a exemplo das falas das Sr.^{as} Viviam e Marilene, respectivamente.

O número de afetados por alagamento na região norte em concentrações urbanas tem trazido muitos transtornos. Entretanto, os dados precisam ser melhor interpretados para que, desta forma, possamos entender as diferenças entre os eventos na região Amazônica.

Tal fato é resultado dos eventos hidrológicos extremos observados em 2012, na região Norte. Porém, o que pode estar por trás desses números elevados é uma ainda persistente dificuldade em se distinguir diferentes desastres hidrológicos no país, havendo confusão entre alagamentos e inundações, esse último, sim, apresentando potencial de afetar grandes contingentes populacionais (BRASIL, 2012:51).

Portanto, as cheias se diferenciam na Amazônia pelo fato de avançarem lentamente sobre o espaço da cidade, em um cenário de convivência de populações ribeirinhas com este tipo de fenômeno, peculiarmente no norte do País. Esta acomodação temporária é também sazonal, presente na época das chuvas na Amazônia, logo, faz parte dos ciclos das águas em períodos de cheias e vazantes.

A minha família prefere morar em “girau”- construção de andaime de madeira a ir morar nos abrigos. Eu me criei aqui, moro há 23 anos neste lugar, até porque o meu pai é pescador, apesar de cada vez estar mais difícil a prática da pesca. Às vezes vamos para a represa de Tucuruí pescar **(Francinete, 23 anos – moradora do bairro Santa Rosa, 2012).**

É muito ruim ficar desacomodado. Aqui há o sentido da vida em família, vou para o abrigo por não ter como pagar um aluguel **(Gracilda, 38 anos – moradora do bairro Santa Rosa, 2012).**

É muito quente, é coberto com lona e as paredes de madeira. Não tivemos apoio da prefeitura este ano. Eu trabalho como lavadeira **(Rosimar, 54 anos – abrigo da orla, na Velha Marabá, 2012).**

Quando chove entra muita água nos abrigos, tem muita muriçoca; a coleta de lixo é precária. Não posso sair e deixar sozinho o abrigo por causa dos assaltos **(Ana Cássia, 22 anos – abrigo Alzira Mutran, 2012).**

Tem o problema da violência. Ano passado mataram um rapaz dentro do abrigo **(Viviam, 22 anos – abrigo da feirinha, na Velha Marabá, 2012)**.

Os meus filhos geralmente adoecem nos abrigos, há muito lixo ao redor dos barracos. É muito quente, já que os barracos são feios de lonas de plásticos, compensado e palha **(Ângela Napoluceno, 34 anos – abrigo da feirinha, na Velha Marabá, 2012)**.

A infraestrutura é precária. Geralmente nós mesmos construímos os abrigos, feitos de lona, cobertos de palha **(Valquilene, 28 anos – abrigo da orla, na Velha Marabá, 2012)**.

A água não é boa, é barrenta. Os banheiros não são adequados ou limpos, a temperatura é muito alta e a coleta de lixo é precária **(Marilene da Silva, 46 anos – abrigo da feirinha, na Velha Marabá, 2012)**.

A minha filha de 9 meses teve febre, vômito e diarreia devido à água do rio. A água que vem para o abrigo é barrenta. O médico veio apenas uma vez em 3 meses e meio que estou no abrigo **(Viviam, 22 anos – abrigo da feirinha, na Velha Marabá, 2012)**.

Entretanto, a pobreza, a desigualdade social, o baixo índice de desenvolvimento social e a ausência de infraestrutura adequada aos meios de vida de ribeirinhos têm sido determinantes para definir o fosso entre os incluídos e os excluídos socialmente, tanto em relação aos espaços ocupados de melhor e maior valor no mercado imobiliário, como em relação aos que podem ter acesso às melhores condições de vida social. Daí, conclui-se que a Amazônia continua sendo o celeiro de recursos naturais a serviço do capital.

A extensão da precariedade do saneamento básico, da coleta e armazenamento do lixo e do tratamento da água potável revela alguns dos problemas graves vividos pela população Amazônica. Esses problemas acabam interferindo no meio ambiente e na vida social. O poder público tem se dedicado muito pouco às dimensões deletérias e seus efeitos sociais em diferentes grupos.

No caso da Amazônia paraense, a dimensão social da questão dos ribeirinhos, na percepção de ameaças e vulnerabilidades, está no fato de eles terem de se deslocar temporariamente para fugir das cheias dos rios, devido às doenças a que ficam então expostos. Além desse aspecto, existe a ameaça de picadas de insetos que podem transmitir doenças tropicais características nesta parte da Amazônia, como febre amarela, malária, dengue, entre outras.

Partimos do entendimento de que os problemas socioambientais devem ser interpretados e analisados como um acontecimento social importante neste início de século XXI. Esses problemas têm acometido principalmente as populações mais pobres da Amazônia nas últimas décadas, que sofrem uma espécie de “racismo

ambiental”, nos termos de Bullar (2005), o qual tem como alvo principal os povos tradicionais, subjugados à pobreza extrema, à exclusão social e, em alguns casos, às mudanças climáticas em virtude das constantes alterações ecossistêmicas.

É nas baixadas que se sobrepõem as formas de vida ribeirinha e urbana. É o lugar de moradia das massas, dos pobres que vem do interior do Estado e que, ali, se instalaram ao longo do século XX, com os movimentos de migração.

Analisando a situação de pobreza e vulnerabilização dos ribeirinhos que vivem nos bairros Cabelo Seco e Santa Rosa, pudemos constatar outros elementos importantes para mensurar de forma qualitativa a pobreza social. Segundo Sen (2000), existem outras influências sobre a privação de capacidades além da pobreza real, e que, portanto, não se deve utilizar apenas o parâmetro da renda, ou seja, a renda não é o único instrumento gerador de capacidades, sem deixar de reconhecer que se trata de um importante instrumento para adquiri-las. Essa relação seria contingencial e condicional. Algumas das relações imbricadas podem ser determinadas pela localização da residência de determinados grupos sociais. É importante observar se a residência ou o espaço de moradias está propensa a inundações, secas, violências, inseguranças etc.

Neste sentido, alguns bairros pobres e populosos podem estar mais vulneráveis às doenças do que outros pelas condições epidemiológicas, a exemplo do bairro Santa Rosa em relação ao Cabelo Seco, que agrega inúmeras variáveis: é propenso a alagamentos; é muito populoso; possui índices de violência elevados e indicadores de doenças por veiculação hídrica em consequência das cheias mais significativas. Portanto, a mensuração da pobreza seria ampliada pelas condições sociais a que determinados grupos sociais podem estar submetidos.

Para Sen (2000), pode haver um acoplamento de desvantagens entre duas variáveis ou mais na vida de uma pessoa: idade, saúde e educação, por exemplo. A idade de uma pessoa pode indicar uma condição de desvantagem no indicador da pobreza, considerando a dificuldade de acesso que poderá ter ao mercado de trabalho.

A incapacidade gerada por doenças graves também reduz o potencial do indivíduo para auferir uma maior renda. Neste caso, esta variável estaria sendo observada em virtude da necessidade de uma maior assistência à saúde, de tratamento específico, ou ainda de maiores recursos para adquirir uma prótese a fim de minimizar a privação de incapacidades. Nesta situação específica, os grupos mais

expostos às incapacidades seriam principalmente os idosos e os incapacitados por doenças graves.

Esta última relação pode ser particularmente importante para a eliminação da pobreza de renda. Não ocorre apenas que, digamos, melhor educação básica e serviços de saúde elevem diretamente a qualidade de vida; esses dois fatores também aumentam o potencial de a pessoa auferir renda e assim livrar-se da pobreza medida pela renda. Quanto mais incluso for o alcance da educação básica e dos serviços de saúde, maior será a probabilidade de que mesmos os potencialmente pobres tenham uma chance maior de superar a penúria (SEN, 2000:113).

As populações pobres continuam sendo, geralmente, trabalhadores agrícolas, negros, de baixa renda ou que estão na parte inferior da estratificação social, desprovidos de direitos sociais em geral ou que quase sempre vivem em áreas periféricas, sem saneamento básico, sistema de esgoto etc. Esta situação só tem reforçado a desigualdade social e aumentado a pobreza.

Bullard (2005) classifica esta situação como Racismo Ambiental, que vem se repetindo em várias partes do mundo, a exemplo de Brasil, Nigéria, Colômbia, EUA, África do Sul, entre outros países. Resultando em ideias conservadoras sobre a incapacidade dos pobres na sociedade, muitos corroboram que: “Caberia, pois, aos pobres ‘desenvolver-se’ para escapar da pobreza” (Martinez-Alier 2007:41).

É possível constatar uma crescente preocupação com o centro das cidades, visando um maior controle sobre a contaminação do ar, com os dejetos tóxicos despejados, com o controle do lixo municipal etc. Neste sentido, a ecologia dos pobres continua sendo um movimento preocupado com a justiça ambiental, principalmente dos países do terceiro mundo, pobres na sua maioria, e que lutam contra os impactos ambientais causados pelo desenvolvimento econômico, e que, portanto, ameaçam principalmente os pobres mais vulneráveis.

Diante deste contexto de insegurança ambiental pautada para os mais pobres, vão surgindo outros desdobramentos no espaço ocupado que devem ser analisados sociologicamente, a exemplo da questão do trabalho precário na Amazônia, que é uma realidade que não pode ser explicada apenas pelo crescimento econômico, mas também por outras variáveis, a exemplo do crescimento das cidades, dos constrangimentos ambientais ocasionados pelas cheias dos rios, entre outros problemas vividos na cidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A transumância na Amazônia faz parte da vida do ribeirinho devido a uma necessária estratégia de sobrevivência. Essa estratégia de deslocamentos tem por finalidade responder a uma situação de crise ambiental, de rompimento com a normalidade da cidade. Entretanto, a subida dos rios é compreendida pelos ribeirinhos de Marabá como fenômeno natural que participa da sobrevivência de sua cultura a qual é intrínseca à manutenção dos ciclos das águas que acontecem na Amazônia nos mesmos meses de cada ano.

Para além desses aspectos levantados, destacamos que o resgate conceitual do que seja a transumância trouxe para a discussão o perfil de diferentes grupos sociais geralmente esquecidos, a exemplos dos ribeirinhos, em meio a outros grupos que acabam considerados mais importantes, como os do agronegócio, da pecuária, da exploração mineral etc. O ribeirinho da cidade só tem ganhado maior visibilidade recentemente, em consequência dos constantes constrangimentos ambientais causados pelas cheias urbanas.

O impacto dessas cheias tem sido o sinal de alerta de que algo está acontecendo na cidade. Essa situação é resultado da urbanização desenfreada das cidades. Portanto, o objetivo inicial foi o de explicar o comportamento social do ribeirinho a partir do processo da transumância, demonstrando que o ribeirinho da cidade, tal como o das várzeas, estabelece saberes e práticas que ultrapassam apenas o viver nas margens dos rios.

Os ribeirinhos da cidade, a que nos referimos e que fizeram parte desta pesquisa, reproduzem, ainda hoje, suas vidas citadinas, seus modos culturais e religiosos nas margens ou nas proximidades dos rios, pois convivem com as cheias há pelo menos meio século. Este comportamento, relacionado à migração interna ou sazonal, é definido como transumância neste estudo. Além disso, a transumância faz parte deste legado cultural dos ribeirinhos. Ao se deslocarem para outras áreas e em pouco espaço de tempo, e retornarem para o mesmo espaço, este ato tem uma dimensão cultural característica ao modo de vida ribeirinha. As idas e vindas das águas, as subidas e descidas dos ribeirinhos são aspectos cultivados há décadas, que reproduzem os modos e as práticas de vida de quem de fato depende dos rios para sobreviver.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACSELRAD, Henri; MELLO, Cecília Campello do Amaral; BEZERRA, **Gustavo das Neves**. **O que é justiça ambiental**. Rio de Janeiro: **garamont**, 2009.

ARAÚJO, Julieta,. **Relações de fronteira na Idade Média: a transumância**. Universidade de Lisboa. . (Revista da Faculdade de Letras) [?] In: SHULTZ, Adolf. Geografia e Etnografia Antigas da Península Ibérica, Vol II, Madrid, 1963.

BRASIL. **Anuário brasileiro de desastres naturais**. Centro Nacional de Gerenciamento de Riscos e Desastres: Brasília, 2012.

BOLLE, Willi. **Iniciação à periferia: leitura dramática de Dalcídio Jurandir**. Novos Cadernos NAEA, v. 15 n. 2 p. 217-246, dez. 2012.

BOURDIEU, Pierre. Gênese dos conceitos de *habitus* e de *campus*. In: BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BULLARD, Robert. **Ética e racismo ambiental**. Revista Eco 21, ano XV, Nº 98, janeiro/2005.

CARDIA, Laís Maretti. **Exclusão social de famílias migrantes: estratégias de sobrevivência urbana**. João Pessoa: UFPB – CCHLA, 1998 (Dissertação de Mestrado).

CASTRO, Edna (Org) .**Cidades na Floresta**. São Paulo: Annablume, 2009.

CONCEIÇÃO, Maria de Fátima Carneiro da. Populações tradicionais, sociabilidade e reordenação social na Amazônia. In: JACKSON, Maria José (Org.). Sociologia na Amazônia: debates teóricos e experiências de pesquisa. Belém: UFPA, 2001, p 141-164.

DIEGUES, A.C (Org) **Povos e águas**. NUPAUB – USP. 2002.

DIEGUES, Antônio Carlos. Água e cultura nas populações tradicionais brasileiras. In: RIBEIRO, Wagner Costa (org). **Governança da água no Brasil – uma visão interdisciplinar**. São Paulo: Annablume; FAPESP; CNPq, 2009.

EVANS PRITCHARD, E.E. 1902-1973. **Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota**. Trad. Ana M. Goldberger Coelho. São Paulo: perspectiva, 2008. (Estudos; 53).

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto; PEREIRA, Henrique dos Santos; WITKOSKI, Antônio Carlos. **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**: EDUA, 2007.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**, 32 Edição. São Paulo: companhia editora nacional, 2005.

WITKOSKI, Antônio Carlos. **Terras, florestas e águas de trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais**. 2ª Edição, São Paulo: annablume, 2010. 486 P.

MARTÍNEZ ALIER, Joan. **O Ecologismo dos pobres**. São Paulo: contexto, 2007.

MORAIS, J. A. David de. **Transumância de gados serranos e o Alentejo. Coleção. “Novos estudos Eborenses”**: 3. Câmara Municipal de Évora, Évora, 1998.

NEVES, Eduardo Góes. **Arqueologia da Amazônia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

OLIVEIRA, Américo e SILVA, Filomeno. **Montemuro – “A última rota da transumância**. Associação da Defesa do Património Arouquense. NORPRINT, Arouca, 2000b.

PEREIRA, Airton dos Reis. **A Cidade invisível de Marabá**.: Marabá. UFPA, 2006.

SEN, Amartya Kumar. **Desenvolvimento como liberdade**. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: companhia das Letras, 2000.

SOUSA, Joaquim soares de et al. **A Transumância para o Montemuro: um pretexto para o desenvolvimento rural**, (educação, ciência e Tecnologia), <http://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/432>, Maio, 2005. Acesso em 10 de Maio de 2014.

VIDAL, Elizabete de Lemos. **Memórias de rios e de lagos na construção romanesca: Leitura de narrativas da Amazônia paraense**. UFRN. Natal-RN, 2008 (Tese de Doutorado).